A INVISIBILIDADE DA AUXILIAR DE CRECHE: DESAFIOS E RECONHECIMENTO PROFISSIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL
THE INVISIBILITY OF THE DAYCARE ASSISTANT: CHALLENGES AND PROFESSIONAL RECOGNITION IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Michelly D'Almeida Bispo
Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São José.
Márcia Maria Ferreira dos Santos
Mestre em Educação/UERJ

RESUMO

O presente artigo analisa a invisibilidade e a desvalorização das auxiliares de creche na Educação Infantil, refletindo sobre as condições de trabalho, as atribuições e o reconhecimento profissional dessas mulheres no cotidiano das instituições escolares. A pesquisa parte do pressuposto de que o cuidado, embora seja uma dimensão essencial do processo educativo, é historicamente associado ao feminino e, por isso, socialmente desqualificado. O estudo, de abordagem qualitativa e natureza descritiva e exploratória, contou com a participação de 27 auxiliares de creche atuantes em escolas públicas e privadas da Zona Oeste do Rio de Janeiro, que responderam a um questionário on-line composto por questões abertas e fechadas. Os dados foram analisados segundo a técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), articulando-se aos referenciais teóricos de Kramer (2005), Rosemberg (2013), Campos (2011), Oliveira (2014) e às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) e à Base Nacional Comum Curricular (2017). Os resultados evidenciam a persistência de uma hierarquia entre o "cuidar" e o "educar", revelando que muitas auxiliares ainda não são reconhecidas como parte da equipe pedagógica, apesar de desempenharem funções que envolvem dimensões pedagógicas e afetivas indissociáveis. As participantes relataram baixos salários, sobrecarga de trabalho e ausência de oportunidades de formação continuada, mas também demonstraram resistência, afeto e compromisso com as crianças. Conclui-se que a valorização das auxiliares de creche é condição essencial para a construção de uma educação mais democrática e humanizada, que reconheça todos os sujeitos que compõem o processo formativo na Educação Infantil.
Palavras-chave: Educação Infantil; Valorização profissional; Auxiliar de creche.

ABSTRACT

This article analyzes the invisibility and devaluation of daycare assistants in Early Childhood Education, focusing on their working conditions, roles, and professional recognition within educational institutions. The research assumes that caregiving, although an essential dimension of education, has been historically associated with femininity and thus socially undervalued. The study follows a qualitative, descriptive, and exploratory approach, involving 27 daycare assistants from public and private schools in the western region of Rio de Janeiro, who answered an online questionnaire with open and closed questions. Data were analyzed using Bardin's (2011) Content Analysis technique and discussed in light of theoretical contributions from Kramer (2005), Rosemberg (2013), Campos (2011), Oliveira (2014), as well as the *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* (2009) and the *Base Nacional Comum Curricular* (2017). The results reveal the persistence of a hierarchy between "care" and "education," showing that many assistants are not yet recognized as part of the teaching staff, even though they perform pedagogical and affective roles that are inseparable. Participants reported low salaries, work overload, and lack of continuing education opportunities but also expressed resilience, affection, and commitment to the children. The study concludes that valuing daycare assistants is essential for building a more democratic and humanized education that acknowledges all professionals involved in the formative process of Early Childhood Education.

Keywords: Early Childhood Education; Professional appreciation; Daycare assistant.

I. INTRODUÇÃO

A educação infantil é uma das etapas mais importantes do desenvolvimento humano, pois estabelece as bases para o aprendizado e a socialização da criança. No entanto, dentro desse contexto, as auxiliares de creche desempenham um papel essencial que, muitas vezes, não é devidamente reconhecido. Apesar de estarem diretamente envolvidas no cuidado, na rotina pedagógica e no desenvolvimento das crianças, essas profissionais ainda são vistas por muitos como babás, e não como educadoras fundamentais para o funcionamento da instituição.

A falta de valorização da auxiliar de creche pode ser percebida em diversos aspectos, como a ausência de reconhecimento profissional, as limitações de oportunidades de crescimento na carreira e a desconsideração de seu trabalho na construção do processo educativo. Muitas dessas profissionais enfrentam desafios diários que vão além do cuidado com as crianças, incluindo a necessidade de adaptar-se a metodologias de ensino, lidar com a sobrecarga de tarefas e, ainda assim, ter seu papel subestimado dentro da escola.

Diante desse cenário, a presente pesquisa tem como intuito investigar a invisibilidade das auxiliares de creche no ambiente escolar, compreendendo as razões por trás dessa desvalorização e analisando de que forma suas funções poderiam ser mais reconhecidas. A problemática central deste estudo busca responder: Por que as auxiliares de creche ainda são frequentemente vistas como figuras secundárias no contexto educacional, e quais medidas podem ser aplicadas para valorizar sua atuação?

Ao longo da pesquisa, pretendemos analisar a percepção desses profissionais sobre seu papel, identificar os desafios enfrentados no cotidiano escolar e discutir propostas para garantir maior reconhecimento e valorização.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a percepção da sociedade e das instituições educacionais sobre o papel da auxiliar de creche, identificando como são vistas e tratadas no ambiente escolar. Como objetivos específicos: descrever as

atribuições das auxiliares de creche; investigar as condições de trabalho dessas profissionais, incluindo carga horária, reconhecimento profissional e possíveis dificuldades enfrentadas. Deste modo, compreender a influência da falta de valorização das auxiliares no desenvolvimento infantil, destacando a importância do seu papel no processo educativo.

A escolha pelo tema da invisibilidade da auxiliar de creche parte da vivência prática no ambiente educacional e da observação diária de como essas profissionais, apesar de exercerem funções fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças, ainda são amplamente subestimadas e pouco valorizadas no contexto escolar. Frequentemente vistas como “ajudantes”, “babás”, “cuidadoras” ou “quebra-galhos”, as auxiliares de creche têm suas identidades profissionais desconsideradas, mesmo atuando ativamente na rotina pedagógica, afetiva e de cuidados com os pequenos.

Diante disso, esta discussão busca dar visibilidade a essas profissionais, reconhecendo sua importância na formação infantil e questionando os estigmas que ainda permeiam sua função. Trata-se de um tema relevante tanto do ponto de vista social quanto educacional, pois evidencia uma lacuna na valorização e no reconhecimento profissional dentro da própria estrutura escolar. Além disso, contribui para o debate sobre a construção de uma educação mais justa, humanizada e coletiva, na qual todos os envolvidos no processo formativo sejam reconhecidos e respeitados.

Essa discussão torna-se ainda mais importante ao considerar que muitas dessas profissionais possuem experiência, conhecimento empírico e um forte vínculo com as crianças, o que as torna peças-chave no desenvolvimento afetivo, social e cognitivo na primeira infância. Valorizar a auxiliar de creche é valorizar a educação infantil como um todo.

A hipótese que orienta esta pesquisa é a de que a auxiliar de creche, embora desempenhe um papel central na rotina e no cuidado das crianças, é frequentemente invisibilizada no ambiente escolar, sendo vista como figura secundária em relação às demais profissionais da educação. Essa invisibilidade pode estar relacionada à ausência de reconhecimento institucional, à falta de formação continuada oferecida especificamente para essas profissionais e a maneira como sua atuação é percebida por colegas, gestores e até pelas famílias.

Essa suposição orienta-se pela percepção de que, embora as auxiliares de creche desempenhem atividades fundamentais para o desenvolvimento das crianças, sua atuação é frequentemente ignorada nos planejamentos pedagógicos, nos espaços de decisão e nas políticas de valorização profissional.

Presume-se também que, ao serem ouvidas e terem suas vozes legitimadas, essas profissionais possam revelar estratégias, saberes e experiências que enriquecem significativamente a prática pedagógica na educação infantil e que, muitas vezes, passam despercebidas pelas instâncias formais da escola.

A pesquisa adotou uma abordagem quali-quantitativa, articulando procedimentos descritivos e exploratórios com o objetivo de compreender como se manifesta a invisibilidade da auxiliar de creche no contexto da Educação Infantil.

Do ponto de vista quantitativo, foram coletados dados por meio de um questionário on-line, composto por perguntas fechadas, que permitiram a construção de gráficos referentes à formação, tempo de serviço, atribuições desempenhadas, participação no planejamento pedagógico, oportunidades de formação continuada e percepção de valorização profissional. Participaram 27 auxiliares de creche atuantes em instituições públicas e privadas da Zona Oeste do Rio de Janeiro.

A etapa qualitativa foi composta por perguntas abertas no mesmo instrumento, possibilitando a expressão das percepções, sentimentos e experiências dessas profissionais acerca de sua rotina, desafios, relações de trabalho e reconhecimento institucional. As respostas foram analisadas segundo a técnica de Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2011), permitindo a identificação de categorias recorrentes relacionadas à invisibilidade, feminização do cuidado, participação pedagógica, hierarquização das funções e condições de trabalho.

A escolha da Zona Oeste do Rio de Janeiro como recorte territorial deve-se ao vínculo direto da pesquisadora com instituições dessa região, o que facilitou o acesso às participantes e possibilitou uma análise situada da realidade local, ainda que os dados reflitam também fenômenos amplamente observados na literatura nacional.

A pesquisa seguiu os princípios éticos previstos na Resolução CNS nº 510/2016, com participação voluntária, questionário anônimo e aceite eletrônico do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Por se tratar de pesquisa sem identificação

das participantes e sem risco, o estudo enquadra-se nas pesquisas dispensadas de apreciação por Comitê de Ética, conforme previsto na referida resolução.

Através da aplicação de um questionário online, foi possível coletar dados significativos sobre as experiências profissionais das auxiliares de creche, abordando aspectos como atribuições desempenhadas, condições de trabalho, reconhecimento profissional e os desafios enfrentados no cotidiano. Essa coleta de dados subsidiou uma análise crítica e reflexiva acerca da valorização (ou falta dela) dessas profissionais e de como tal valorização impacta diretamente a qualidade das interações e do cuidado oferecido às crianças, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada sobre o papel essencial que as auxiliares desempenham no contexto da educação infantil.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão da invisibilidade da auxiliar de creche exige uma análise que vá além dos dados empíricos, articulando-os a referenciais teóricos que discutem a organização do trabalho na Educação Infantil, a relação histórica entre cuidado e educação, a feminização das práticas de cuidado e a hierarquização das funções no interior das instituições. Assim, a Fundamentação Teórica a seguir apresenta os principais estudos, documentos normativos e produções acadêmicas que embasam esta pesquisa, permitindo compreender como se constituíram as atribuições dos diferentes profissionais da creche, de que modo o cuidado foi historicamente desvalorizado e quais tensões permeiam a definição dos papéis e identidades profissionais no cotidiano da Educação Infantil. Esses referenciais são essenciais para sustentar a análise dos dados, situando-os em um panorama mais amplo das políticas, práticas e debates contemporâneos sobre o trabalho das auxiliares de creche.

2.1 A Educação Infantil e o papel dos profissionais da creche

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e deve ser compreendida como um espaço de aprendizagem, cuidado e desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade. Para que essa etapa seja eficaz, é

imprescindível o reconhecimento da atuação de todos os profissionais que compõem o ambiente educacional, incluindo as auxiliares de creche. No entanto, muitas vezes essas profissionais são invisibilizadas dentro do contexto escolar, sendo vistas como "babás", o que reforça uma lógica hierarquizante e excludente no interior das instituições (Rosemberg, 2013).

2.2 O trabalho das auxiliares de creche: entre o cuidado e a docência

Para fins deste estudo, a pesquisadora opta por utilizar a expressão **“**auxiliar de creche” ao longo do texto, reconhecendo, contudo, que diferentes redes e sistemas de ensino adotam nomenclaturas específicas para a mesma função, como Auxiliar de Educação Infantil (AAEI), Agente de Educação Infantil (AEI), Agente Auxiliar de Creche (AAC), entre outras. Independentemente da denominação adotada, todas essas profissionais exercem atribuições semelhantes, articulando cuidados, mediações e práticas educativas junto às crianças de zero a cinco anos. Assim, a escolha do termo “auxiliar de creche” tem caráter representativo e visa dar visibilidade a esse grupo de trabalhadoras da Educação Infantil, historicamente marcado pela desvalorização e pela feminização do trabalho.

De acordo com Kramer (2005), a história da Educação Infantil no Brasil é marcada por uma divisão entre cuidado e educação, o que influencia diretamente na forma como os profissionais são vistos e valorizados. Essa divisão atinge especialmente as auxiliares de creche, cujas funções são frequentemente associadas ao cuidado físico e afetivo, e não ao processo pedagógico.

Ainda que a legislação reconheça a importância dos profissionais da Educação Infantil, na prática, observa-se uma desvalorização histórica dos cargos considerados “não docentes”. Essa desvalorização é reforçada por estigmas sociais e por uma cultura escolar que pouco discute o papel formativo das auxiliares.

Segundo Barbosa (2009), a atuação das auxiliares de creche vai além do cuidado físico. Elas são parte essencial no desenvolvimento das crianças, contribuindo para a construção da autonomia, linguagem, identidade e relações sociais. Entretanto, o não reconhecimento dessa atuação gera sentimentos de inferiorização, além de implicações diretas na qualidade da educação oferecida.

2.3 Feminização, precarização e invisibilidade no cotidiano da creche

A invisibilidade do trabalho das auxiliares de creche está, muitas vezes, relacionada à maneira como o cuidado é historicamente atribuído às mulheres, sendo considerado uma extensão das tarefas domésticas e não como um saber profissional. Apesar de ser culturalmente desvalorizado por estar ligado especialmente às mulheres, o cuidado é uma prática essencial à vida. No contexto das creches, esse cuidado é exercido majoritariamente por auxiliares, o que contribui para a desvalorização social do cargo.

O processo de profissionalização da Educação Infantil no Brasil avançou com a criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009), que preveem o trabalho pedagógico realizado de forma coletiva e articulada entre diferentes profissionais. No entanto, como afirma Campos (2011), ainda há uma grande distância entre o que está previsto na legislação e o que é vivenciado no cotidiano das instituições, sendo comum que as auxiliares sejam excluídas de momentos formativos e decisões pedagógicas.

A divisão técnica do trabalho pedagógico, segundo Oliveira (2014), reforça uma hierarquia simbólica em que os professores aparecem como protagonistas da prática educativa, enquanto as auxiliares são associadas à execução de tarefas operacionais. Esse modelo organizacional não apenas invisibiliza saberes importantes, como também limita o potencial de contribuição destas profissionais no processo de ensino-aprendizagem.

O reconhecimento dessas profissionais não depende apenas de políticas institucionais, mas também de valorização dentro das escolas, passando a considerar sua atuação como parte ativa no processo educativo e não como função assistencial.

A discussão sobre o “cuidar” e o “educar” na Educação Infantil é central para entender a atuação dos profissionais que trabalham com crianças pequenas. Etimologicamente, a palavra “cuidar” vem do latim *cogitāre*, que significa "pensar, considerar, prestar atenção" (Cunha, 2010). Já a palavra “educar” vem do latim *educāre*, que remete a "conduzir para fora", em outras palavras, desenvolver o potencial do outro (Cunha, 2010). Na prática pedagógica, essas duas ações se complementam e não devem ser vistas como funções distintas ou inferiores no ambiente escolar. Cuidar é um

ato que envolve afeto e atenção às necessidades físicas e emocionais da criança. Educar, por sua vez, está ligado à aprendizagem e à formação integral da mesma. Na Educação Infantil, cuidar e educar são práticas indissociáveis (Brasil, 1998).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017, p. 39), “Na Educação Infantil, o cuidar é parte do educar e o educar incorpora o cuidar, sendo indissociáveis na prática pedagógica. O cuidar e o educar ocorrem de forma integrada e articulada, garantindo o desenvolvimento integral das crianças”.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil também reforçam essa perspectiva. Como consta no documento:

> Na Educação Infantil, cuidar e educar são práticas pedagógicas indissociáveis que se materializam nas experiências e nas interações que se estabelecem no cotidiano das instituições. O cuidado se expressa nas atitudes de escuta, de acolhimento, de atenção à saúde, à higiene, à alimentação e à proteção da criança, sempre permeadas por ações educativas. Da mesma forma, o educar pressupõe o cuidar como condição para que a criança possa estar disponível para as aprendizagens (Brasil, 2009, p. 20).

Esse entendimento reforça a importância de todos os profissionais no processo educativo, inclusive das auxiliares de creche, que muitas vezes exercem o cuidar como prática principal, mas que, conforme os documentos orientadores, participam também da dimensão pedagógica da educação das crianças.

A organização da Educação Infantil no Brasil envolve diferentes categorias profissionais que atuam conjuntamente para garantir o desenvolvimento integral das crianças. No entanto, a divisão de funções nem sempre é clara, o que acarreta consequências diretas para o reconhecimento e a valorização de determinados cargos, especialmente os considerados “não docentes”, como é o caso das auxiliares de creche.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), documento anterior à BNCC, já indicava a importância da atuação coletiva na creche e na pré-escola, ainda que não separasse formalmente as atribuições de cada função:

> A organização do trabalho pedagógico nas instituições de Educação Infantil requer a atuação integrada de profissionais que compartilhem responsabilidades no processo educativo, considerando as especificidades do desenvolvimento infantil (Brasil, 1998, p. 21).

Apesar dessa orientação, observa-se, na prática, uma divisão técnica do trabalho pedagógico, em que o professor aparece como o responsável pelo ensinar (pedagógico), enquanto às auxiliares é atribuída a função de cuidar. Essa separação é problemática,

pois, como discutido anteriormente, cuidar e educar são práticas indissociáveis na Educação Infantil, conforme reforçado pela BNCC e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI.

2.4. Estrutura e cargos na rede municipal do Rio de Janeiro

A análise de documentos oficiais da Prefeitura do Rio de Janeiro confirma a existência de três cargos centrais na Educação Infantil da rede municipal: Professor de Educação Infantil (PEI), Professor Adjunto de Educação Infantil (PAEI) e Agente de Educação Infantil (AEI/AAEI). O PEI integra o Quadro do Magistério – Lei nº 5.623/2013 (Rio de Janeiro, 2013) e tem atribuições de planejar, executar e avaliar as práticas pedagógicas; o PAEI, conforme edital e rol de atribuições da SME, executa atividades socio pedagógicas, colabora no planejamento com o professor titular e atende diretamente às crianças; e o AEI/AAEI, reestruturado pela Lei nº 5.523/2013 a partir do antigo Agente Auxiliar de Creche, assiste o educador nas atividades técnico-pedagógicas e participa da execução das rotinas. Na prática escolar, esses papéis frequentemente se sobrepõem, sobretudo nas dimensões de atendimento direto às crianças e de participação na execução do planejamento pedagógico[1].

O PEI é responsável pelo planejamento, execução e avaliação das atividades pedagógicas, tendo como atribuição principal a mediação dos processos de aprendizagem. Já o PAEI[2], embora também tenha formação em magistério, ocupa um papel de apoio ao professor titular, colaborando tanto no planejamento quanto na execução das práticas pedagógicas e no atendimento às necessidades das crianças. Por sua vez, o AAEI possui como foco a atenção ao cuidado das crianças, incluindo higiene, alimentação, repouso e organização do espaço escolar.

---

[1] RIO DE JANEIRO (Mun.). *Atribuições do Agente de Educação Infantil.* Documento da SME-Rio. Disponível em: https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/9183043/4229742/ATRIBUICOESAGENTEDEEDUCACAOINFANTIL.pdf. Acesso em: 12 Mai. 2025.

[2] Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Atribuições de Professor Adjunto de Educação Infantil. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/9183043/4272218/AtribuicoesPROFESSORADJUNTODEEDUCACAOINFANTIL.pdf. Acesso em: 19 Mai. 2025.

Essa estrutura organizacional revela uma hierarquização que valoriza o trabalho intelectual e docente, em detrimento das funções operacionais e de cuidado, tradicionalmente atribuídas às mulheres. Ainda que todos esses profissionais participem do processo educativo, a forma como são nomeados e posicionados institucionalmente reforça desigualdades históricas e sociais dentro da própria escola.

Essa hierarquização não se restringe à rede pública. Nas instituições privadas, observa-se dinâmica semelhante, na qual a valorização simbólica e financeira das funções docentes também se sobrepõe às atividades desempenhadas pelas auxiliares de creche. Em muitos casos, essas profissionais são contratadas com denominações genéricas como “assistentes” e recebem salários significativamente inferiores aos das professoras, mesmo realizando tarefas diretamente ligadas ao processo educativo. Essa configuração reflete uma lógica de mercado que, ao priorizar a contenção de custos e a produtividade, acaba reproduzindo desigualdades e reforçando a invisibilidade das auxiliares também no setor privado.

III. DESENVOLVIMENTO

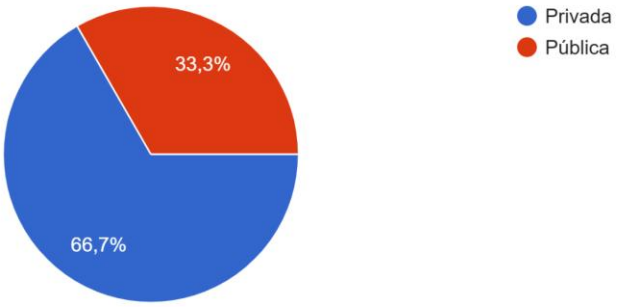
A pesquisa foi estruturada com base em uma abordagem quantitativa, utilizando questionários aplicados a auxiliares de creche para coletar dados sobre de que forma se manifesta a invisibilidade da auxiliar de creche no contexto da Educação Infantil, analisando as percepções dessas profissionais sobre seu papel, sua valorização e suas condições de trabalho. Os resultados obtidos foram organizados em gráficos, que permitirão uma análise detalhada das respostas.

3.1 Os Resultados

Tendo sido colhidas um total de 27 respostas, o questionário foi composto por questões objetivas, as três primeiras perguntas, coletou informações relacionadas à formação acadêmica, rede de atuação e tempo de serviço das participantes.

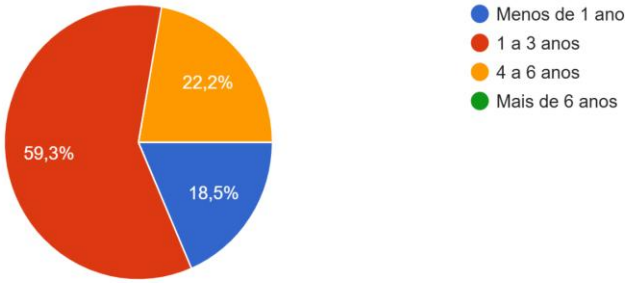
Quanto à rede de ensino, 66,7% pertencem à rede privada.

Em qual rede você trabalha?
27 respostas



Quanto ao tempo de serviço e formação acadêmica, a maioria dos respondentes afirmou ter entre 1 a 3 anos na função e estar cursando o Ensino Superior, conforme pode ser constatado nos gráficos a seguir.

Há quanto tempo você atua como Auxiliar de Creche?
27 respostas

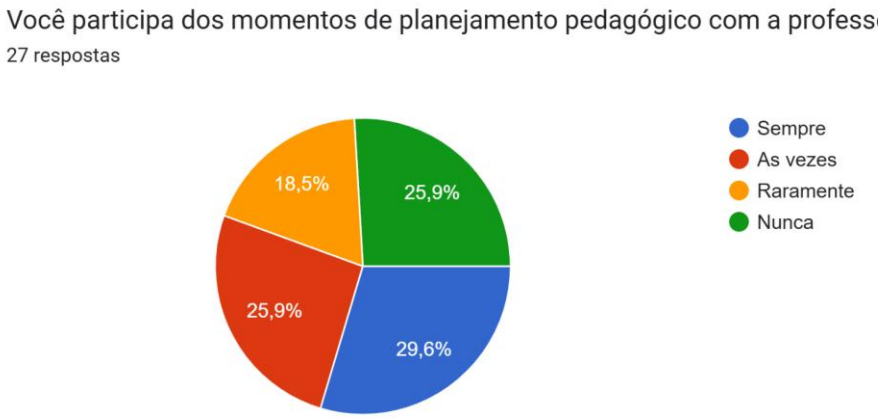


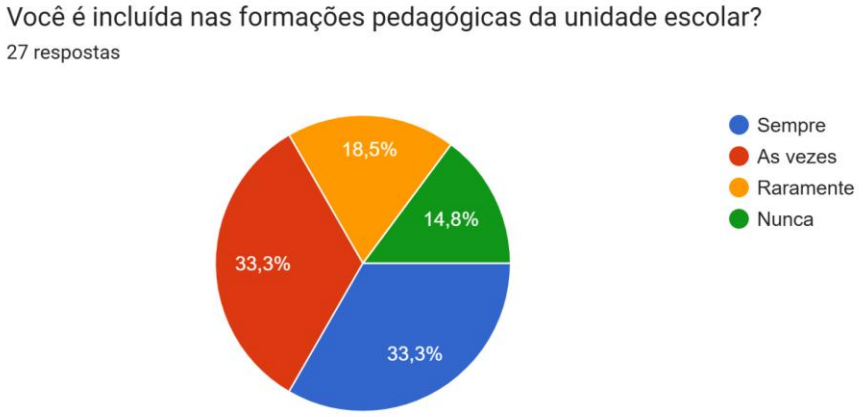
Qual a sua formação?
27 respostas

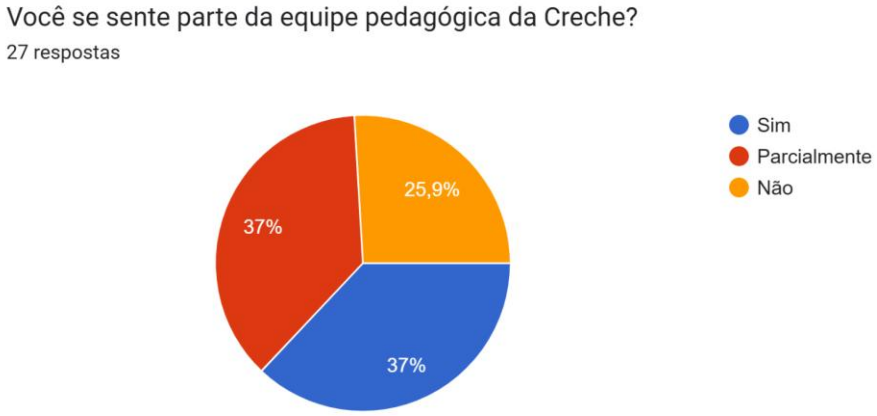
Com as três perguntas seguintes, foi possível coletar informações relacionadas à prática pedagógica.

Entre as respondentes, 89% afirmaram desempenhar funções ligadas tanto ao cuidado quanto ao ensino, enquanto 74% relataram ausência de tempo regular para formação continuada.

Além disso, 58% das auxiliares declararam participar ocasionalmente do planejamento de atividades, 22% participam com frequência, e 20% nunca são convidadas a esse processo.





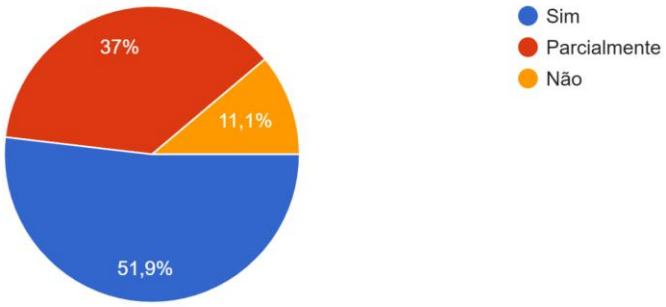


A maioria dos respondentes afirmou participar dos momentos de planejamento pedagógico junto à professora regente, mas também é possível notar que se sentem apenas parcialmente parte da equipe pedagógica, como afirmam 37% dos entrevistados. A maioria tem acesso a formações pedagógicas na unidade escolar, mas não em todas.

Grande parte dos respondentes acredita ter seu trabalho valorizado pelas professoras e famílias da creche, sentimento que não se estende a rede de ensino e comunidade escolar, conforme pode ser constatado nos gráficos a seguir.

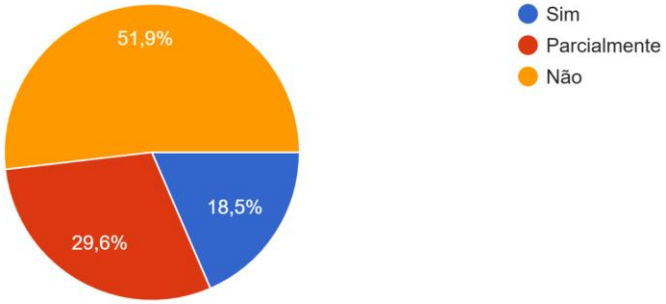
Você considera que seu trabalho é valorizado pelas famílias da Creche?

27 respostas



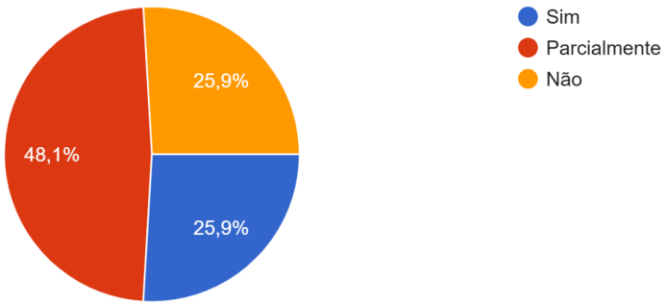
Você considera que seu trabalho é valorizado pela rede de ensino (pública ou privada)?

27 respostas



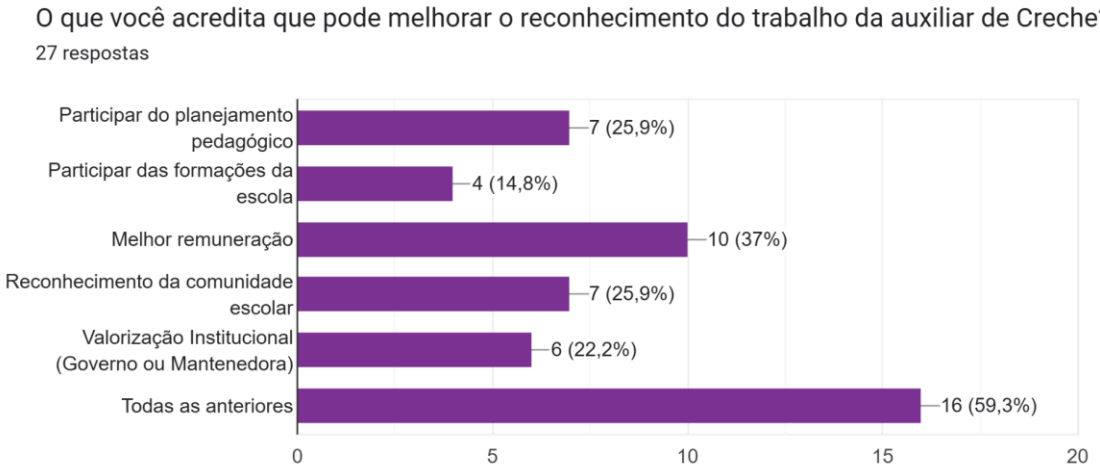
Você acredita que as atribuições da auxiliar de Creche são compreendidas pelas pessoas da comunidade escolar?

27 respostas



Os respondentes foram questionados se em algum momento já se sentiram invisibilizados ou desvalorizados em sua função, 74,1% dos entrevistados afirmaram que sim.

A última pergunta reuniu ideias sobre como melhorar o reconhecimento do trabalho da auxiliar de creche. Quanto às dificuldades encontradas pelas profissionais, houve uma divisão bem próxima das respostas, enfatizando baixa remuneração, pouca oportunidade de participação nos planejamentos e falta de valorização institucional.



3.2 A discussão

Os resultados revelam a persistência de uma divisão hierárquica do trabalho pedagógico na Educação Infantil, na qual o cuidar é frequentemente dissociado do educar, mesmo após décadas de avanço normativo. Esse distanciamento reforça o que

Kramer (2005) denomina de “dupla desvalorização do trabalho feminino”: a desqualificação técnica e simbólica das tarefas associadas ao cuidado.

A constatação de que 37% das auxiliares não se reconhecem como parte da equipe docente indica uma contradição entre discurso e prática institucional. Ainda que a BNCC (Brasil, 2017) e as DCNEI (Brasil, 2009) afirmem a indissociabilidade entre cuidado e educação, o cotidiano das creches mantém fronteiras invisíveis entre professoras e auxiliares, sustentadas por relações de poder e por uma cultura escolar que hierarquiza o saber pedagógico (Rosemberg, 2013; Campos, 2011).

A análise dos dados obtidos na pesquisa com auxiliares de creche evidencia um sentimento recorrente de desvalorização e invisibilidade no ambiente institucional. Muitas relataram que não se sentem reconhecidas como profissionais da educação, o que reforça a ideia de que o cuidado é frequentemente tratado como uma tarefa secundária em relação ao ensino formal.

Essas percepções confirmam o que autores como Kuhlmann Jr. (2011) discutem ao apontar que o trabalho de cuidado na Educação Infantil, historicamente associado ao feminino, é desvalorizado por ser visto como uma extensão do papel materno. As respostas revelam que, embora as auxiliares assumam funções pedagógicas importantes, elas raramente são incluídas nas decisões coletivas e não têm voz ativa nos processos pedagógicos. Isso demonstra a hierarquização das funções dentro da creche, em que o professor é reconhecido como sujeito pedagógico e o auxiliar, como executor de tarefas práticas.

Outro ponto recorrente foi a falta de reconhecimento institucional e financeiro. As auxiliares mencionaram salários baixos e escassez de oportunidades de formação continuada, o que limita seu desenvolvimento profissional e reforça a precarização da função. Essa realidade confirma o diagnóstico de Oliveira (2014) e de Campos (2011), que associam a desvalorização das funções de apoio à reprodução de desigualdades de gênero e classe no interior das instituições educativas.

A sobrecarga e a falta de reconhecimento também remetem à precarização do trabalho feminino, marcada por vínculos instáveis, ausência de planos de carreira e pouca valorização das competências relacionais. Oliveira (2014) ressalta que, na

Educação Infantil, a centralidade do afeto e do cuidado é frequentemente interpretada como atributo natural da mulher, e não como dimensão profissional.

Ao mesmo tempo, os relatos qualitativos apontam para a resistência e a potência formativa dessas profissionais, que, mesmo invisibilizadas, produzem sentido pedagógico em suas ações cotidianas — acolhem, observam, organizam rotinas e constroem vínculos que sustentam o desenvolvimento integral das crianças.

Esses achados indicam a urgência de reconhecer institucionalmente a auxiliar de creche como educadora, assegurando-lhe espaços de formação, participação nos planejamentos e condições dignas de trabalho, conforme preveem as DCNEI (Brasil, 2009) e a BNCC (Brasil, 2017).

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar a invisibilidade da auxiliar de creche no contexto da Educação Infantil, buscando compreender as causas dessa desvalorização e as implicações que ela traz para a prática pedagógica e para o reconhecimento profissional dessas trabalhadoras. A partir da investigação realizada, foi possível constatar que os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que a pesquisa evidenciou a persistência de uma hierarquização dentro das instituições escolares, na qual o trabalho das auxiliares ainda é frequentemente associado a funções secundárias, desvinculadas do processo educativo.

Os resultados obtidos por meio da aplicação do questionário revelaram que a maioria das auxiliares de creche sente-se invisibilizada e pouco reconhecida institucionalmente, embora receba valorização por parte das professoras e das famílias. Tal percepção reforça a hipótese levantada inicialmente de que a desvalorização dessas profissionais está relacionada à forma como o cuidado é historicamente associado ao feminino, sendo considerado uma extensão das funções maternas e domésticas, e não um saber profissional. Essa visão é corroborada pelos autores estudados, como Kuhlmann Jr. (2011), que aponta o caráter socialmente desqualificado do trabalho de cuidado na Educação Infantil.

A análise dos dados também evidenciou que, embora muitas auxiliares participem dos momentos de planejamento pedagógico e possuam formação em curso superior, ainda não são plenamente reconhecidas como parte integrante da equipe pedagógica. Tal contradição revela a distância entre as diretrizes legais, que preveem o trabalho integrado entre os profissionais da Educação Infantil e a realidade vivenciada nas creches, marcada por desigualdades institucionais e simbólicas.

Do ponto de vista crítico, a pesquisa demonstrou que o desafio maior está em romper com a estrutura hierarquizante que distingue o “cuidar” do “educar”, reforçando a necessidade de compreender essas ações como dimensões indissociáveis do trabalho pedagógico. Como apontam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) e a Base Nacional Comum Curricular (2017), a atuação de todos os profissionais da creche deve ser vista de forma articulada, tendo em vista o desenvolvimento integral da criança. No entanto, ainda há entraves institucionais, como a falta de formação continuada específica e a ausência de políticas públicas voltadas à valorização do cargo de auxiliar de creche.

Entre as contribuições deste estudo para a prática pedagógica, destaca-se a importância de repensar as relações de trabalho e os espaços de decisão dentro das instituições de Educação Infantil. A valorização das auxiliares não deve se restringir ao discurso, mas refletir-se em ações concretas, como a inclusão dessas profissionais nos planejamentos pedagógicos, o incentivo à formação continuada e a revisão das políticas salariais e de progressão na carreira. Ao reconhecer o papel das auxiliares como educadoras, promove-se uma educação mais democrática, colaborativa e humanizada, conforme defende Freire (1996).

Por fim, como encaminhamento futuro, sugere-se a ampliação de estudos que abordem a percepção dos gestores escolares acerca do papel da auxiliar de creche, de modo a compreender como esses diferentes olhares influenciam a construção de sua identidade profissional. Também se recomenda a realização de pesquisas comparativas entre redes públicas e privadas, a fim de identificar possíveis avanços e desafios específicos em cada contexto. Dessa forma, a presente investigação pretende contribuir para o fortalecimento do debate sobre o reconhecimento e a valorização das auxiliares

de creche, ressaltando a necessidade de políticas educacionais que considerem todos os sujeitos que compõem o processo formativo na Educação Infantil

V. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. *Cuidado, educação e docência: o trabalho das professoras de creche.* 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo.* Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016.** Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário Oficial da União*, Brasília, 24 maio 2016. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf. Acesso em: 16/09/2024.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular.* Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 12 Mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.* Brasília: MEC/CNE, 2009. Disponível em: https://www.gov.br/pt-br. Acesso em: 08 Abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.* Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: https://www.gov.br/pt-br. Acesso em: 19 Mar. 2025.

CAMPOS, Maria Malta. *Educação infantil: muitos olhares.* 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.* 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRAMER, Sonia. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do possível.* 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KUHLMANN JR., Moysés. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica.* Campinas: Papirus, 2011.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *Educação infantil: fundamentos e métodos.* 7. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

RIO DE JANEIRO (Mun.). *Lei Municipal nº 5.623, de 1º de outubro de 2013.* Dispõe sobre o Plano de Cargos, Carreiras e Remuneração dos funcionários da SME e dá outras providências. Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2 out. 2013. Disponível em: https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/126674/4109701/LEI5623PlanodeCargosdaSME.pdf. Acesso em: 27 Abr. 2025.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Educação infantil: teoria e prática.* São Paulo: Cortez, 2013.